

Zero Hora, 21 de abril de 2016



A CARA DA CRISE**PEDRO DUTRA FONSECA**

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br

A crise econômica atual tem algumas peculiaridades que devem ser consideradas não só para entendê-la com mais profundidade, mas porque de tal compreensão dependerão os possíveis caminhos para enfrentá-la. O fato de se entrelaçar com a crise política não traz novidade: no Brasil, ambas coincidirem chega a ser um “padrão histórico”. A face mais visível da crise econômica é a desaceleração do PIB e do emprego, fato que sempre acontece nas recessões, mas na atual ocorreu com intensidade ímpar, com forte queda em curto espaço de tempo, se a compararmos com as similares ocorridas no Brasil desde o período do pós-Segunda Guerra. Por outro lado, o que chama mais atenção é que não coincide com inflação em disparada ou com problemas agudos de balanço de pagamentos – e tal singularidade não pode ser negligenciada.

O fenômeno de a inflação dar sinais visíveis de diminuir seu ritmo e a situação confortável das reservas cambiais e na balança comercial são as duas variáveis que dão certos

graus de liberdade à política econômica que virá pela frente (seja de que governo for). Isso significa que a política monetária poderá ser menos rígida do que fora na gestão Levy, pois esta ocorreu em período de inflação ascendente. Assim, o Copom, mesmo seguindo à risca a ortodoxia conservadora, poderá optar por queda na taxa de juros, cujo impacto, por si só, já diminui o dispêndio do governo com juros. Em outras palavras: se antes a única alternativa sugerida para enfrentar o déficit público era com instrumentos fiscais (corte de gastos e/ou mais impostos), agora a calmaria da inflação e nas contas externas viabiliza uma opção com política monetária menos recessiva – cenário um pouco mais confortável que o de 2015. Considerar tal aspecto é fundamental quando se percebe que a abertura do processo de impedimento na Câmara acalmou o mercado (eufemismo para grandes capitalistas e investidores), mas não a sociedade, cuja divisão se aprofundou ainda mais. Mais recessão e desemprego em tal contexto seria mais gasolina no fogo.